

## A construção metodológica em uma investigação de recepção de cinema<sup>1</sup>

Maytê Ramos PIRES<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### Resumo

O artigo traz uma reflexão sobre a construção metodológica em recepção de cinema a partir da investigação que venho desenvolvendo no Mestrado, que versa sobre os sentidos, usos e apropriações construídos por sujeitos comunicantes das sessões comentadas de cinema realizadas na *Ocupação Pandorga* na perspectiva da cidadania comunicativa cinematográfica. Primeiro reflito sobre o sentido da metodologia no processo de pesquisa e depois trago resultados em termos de pesquisa exploratória nas sessões comentadas de cinema alternativo nos três espaços investigados, o que consolidou uma pesquisa sistemática voltada para um destes espaços, a Pandorga, em virtude de suas potencialidades diferenciadas de uso do cinema para promoção de debates.

**Palavras-chave:** sessões comentadas de cinema; metodologia; construção metodológica; recepção de cinema; *Ocupação Pandorga*.

### Introdução

Entendendo metodologia como um processo dinâmico, que se constrói ao longo da jornada de pesquisa a partir de diálogo, confluência e confrontação entre teoria e empiria, em processos de idas e vindas (MILLS, 1975), reflito sobre fundamentos e concretizações da construção metodológica para, então, discorrer sobre os passos empreendidos numa construção própria da metodologia para a investigação que venho desenvolvendo no Mestrado<sup>3</sup>. Na concepção de investigação com a qual trabalho é preciso pensar o sentido do movimento, que se coloca como uma etapa crucial para o desenvolvimento de uma investigação por pensar o fazer, levar ao entendimento de que a pesquisa é marcada por

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cinema do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências da Comunicação na Unisinos, bolsista GM do CNPq, integrante do grupo de pesquisa Processocom e da Rede Amlat, e-mail: mayterpires@gmail.com.

<sup>3</sup> As perguntas norteadoras da investigação, em sua configuração atual, são 8, compostas por uma pergunta central, a saber: que sentidos, usos e apropriações os sujeitos comunicantes constroem das sessões comentadas realizadas na *Ocupação Pandorga* na perspectiva da cidadania comunicativa cinematográfica? E 7 questões complementares, a saber: Que sentidos produzem e que usos e apropriações os sujeitos realizam em relação à oferta fílmica e às atividades de reflexão realizadas nas sessões comentadas na *Ocupação Pandorga*? Como as vivências na *Ocupação Pandorga*, as experiências de militância, as competências cinematográficas, midiáticas, comunicacionais e culturais dos espectadores mediam os sentidos, usos e apropriações dos sujeitos? Como os objetivos, as propostas cinematográficas e as estratégias de configuração dos debates constituem o processo de recepção das sessões comentadas? Como se realizam os debates, a mediação dos realizadores e a participação do público? Que negociações, significações e conflitos se expressam nas sessões? Que concretizações, possibilidades e limitações se apresentam nos processos comunicativos das sessões e em suas apropriações para a promoção de uma cidadania comunicativa cinematográfica? E, então, será que o cinema nesse espaço pode potencializar reflexão sobre o lugar dos sujeitos no mundo, sua ação e participação, suas mobilizações?

constantes (re)descobertas (BONIN, 2011) e de que o método não é uma “entidade”, algo fixo, mas deve ser problematizado em diálogo com outros métodos na formulação de uma metodologia própria, que responda às necessidades do problema/objeto e do campo empírico de pesquisa. Deste modo, após essa reflexão inicial, o presente artigo está estruturado de modo a: primeiro recuperar e refletir sobre as concretizações desenvolvidas na caminhada de pesquisa para pensar recepção de cinema, e que desde já permitem antever as linhas prioritárias neste recorte; depois trato das pesquisas teórica, de contextualização e da pesquisa; em seguida trato sobre o sentido de realizar a etapa exploratória de pesquisa, seguindo para a especificidade com a qual trabalhei nas sessões investigadas e com os sujeitos; finalizando com uma reflexão geral sobre a construção metodológica.

### **Sentidos, amparos e práticas de construção da pesquisa**

Logo ao iniciar o fazer ciência, ainda na minha experiência de Iniciação Científica (IC)<sup>4</sup>, fui apresentada à importância da relação teoria e empiria para a construção das problemáticas investigativas. A princípio são apenas dizeres: atentar para o diálogo, a inter-relação entre estes elementos. Depois, ao longo da minha trajetória como pesquisadora, que somou a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de minha graduação<sup>5</sup> e o processo de desenvolvimento da pesquisa de Mestrado<sup>6</sup>, fui percebendo que é essencial colocar em diálogo o saber teórico e as percepções advindas das idas a campo porque só assim se faz possível uma imersão no objeto, ao pensá-lo e cercá-lo por vários âmbitos, que permitam caminhar na direção de compreendê-lo. É necessário, então, colocar em confronto os conceitos com as práticas, apropriar-se das leituras teóricas e realizar observações do campo empírico e, assim, na união das ideias com a observação da realidade, estabelecer vínculos na compreensão do recorte de realidade investigado (BACHELARD, 1977; MILLS, 1975). O objeto pesquisado também se reconstrói constantemente, tanto por

---

<sup>4</sup> Trabalhei como bolsista de IC por três anos e meio – participando da pesquisa *Coletivos culturais e espaço público mediatizado: configurações de usos, apropriações e produções de mídias em associações e grupos étnicos*, coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jiani Adriana Bonin, com bolsa PIBIC/CNPq por um ano (agosto de 2011 a julho de 2012), bolsa PROBIC/FAPERGS por dois anos (agosto de 2012 a julho de 2014) e como voluntária por seis meses – nesse período ingressei no grupo de pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, mediação, mediações e recepção (Processocom) e na Rede Temática de Cooperação Científica: Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina (Rede Amlat).

<sup>5</sup> O trabalho versou sobre as apropriações realizadas por representantes do público cativo da Cinemateca Paulo Amorim para pensar sobre a vinculação com uma cidadania comunicativa cinematográfica originada pela relação entre público e espaço e foi intitulada: *Consumo cinematográfico e cidadania comunicativa: apropriações do público da Cinemateca Paulo Amorim de Porto Alegre*.

<sup>6</sup> A dissertação representa desdobramentos de preocupações das investigações das quais participei, além do TCC, e de questões trabalhadas no âmbito do Processocom e pela Rede Amlat, particularmente em termos das relações entre culturas e de cidadania, temáticas caras no trabalho investigativo destes grupos.

mudanças no campo quanto nos saberes teóricos (BONIN, 2011), e é função do pesquisador perceber e acompanhar as transformações buscando entender seus porquês e sentidos. Não há uma medida certa, não há receita na ciência, e sim a constante descoberta de mundo.

A metodologia é constituída ao longo da caminhada de desenvolvimento da pesquisa e é necessário ter consciência de que quaisquer procedimentos escolhidos configuram/constroem os dados, que eles permitem enxergar alguns aspectos e, simultaneamente, obscurecem outros. Devido a isso, antes de optar por determinado procedimento, há de se refletir sobre ele. (BONIN, 2011). Entretanto, “o desafio metodológico, na maioria dos casos, é ignorado, constata-se a aplicação de fórmulas e modelos sem a necessária desconstrução metódica e a posterior reconstrução exigida pela problemática concreta”. (MALDONADO, 2002, p. 2). Procurando incorporar o desafio metodológico de construir a metodologia em virtude das necessidades do objeto, sem restringir a pesquisa a fórmulas prontas, refletindo sobre os passos a serem dados, desse modo para a investigação busquei formular uma proposta teórico-metodológica que correspondesse ao que a *práxis* foi mostrando.

Becker (1993, p. 10), numa explanação sobre os “métodos de pesquisa em sociologia”, explica que, apesar de na época de Marx, Weber e Durkheim os pensadores desenvolverem “sua teorização própria e seu pensamento próprio sobre métodos de pesquisa”, na década de 1930 começou uma dissociação entre os sociólogos, que começaram a ser exclusivamente “teóricos” ou “metodólogos”: uns teciam conceitos, outros desenvolviam instrumentos de pesquisa e o trabalho segmentado dos “experts” criava manuais de pesquisa. Entretanto, em conformidade com a reflexão elaborada por Becker (1993)<sup>7</sup>, penso que um “modelo artesanal de ciência” seja mais adequado para pesquisas em geral, visto que, assim, o pesquisador pode criar os métodos e teorias que melhor se adequem à investigação que está realizando. Saliento que tal autonomia criativa não deve ser desprezada de referenciais, o embasamento é necessário para que o desenvolvimento da investigação venha da confluência e confrontação das ideias, quando o pesquisador pensa o que já foi produzido tendo em vista o real investigado. (BONIN, 2014).

Deste modo, na investigação que venho desenvolvendo, destaco o compromisso científico de problematizar as ideias dos autores que trago para dialogar no texto, pensando

---

<sup>7</sup> “Em vez de tentar colocar suas observações sobre o mundo numa camisa-de-força de ideias desenvolvidas em outro lugar, há muitos anos atrás, para explicar fenômenos peculiares a este tempo e a este lugar, os sociólogos podem desenvolver as ideias mais relevantes para os fenômenos que eles próprios revelaram. [...] os sociólogos deveriam se sentir livre para inventar os métodos capazes de resolver os problemas das pesquisas que estão fazendo”. (BECKER, 1993, p. 12).

o recorte de real investigado. Por esta e outras razões, a pesquisa passou por várias alterações, ganhando vida no seu desenvolvimento. Ou seja, é preciso pensar a teoria em ato, a partir do empírico, em relação com ideias já desenvolvidas e confrontadas/ampliadas para a investigação que está sendo construída.

Deste modo, o plano conceitual está em constante construção em correlação com a empiria e com a metodologia que vai sendo pensada para a especificidade da pesquisa. Como salienta Maldonado (2002, p. 14), “Construir teoria e metodologia em comunicação, hoje, implica a realização de intensos investimentos de caráter cognitivo, lógico, vivencial, histórico e político”. Para criar uma metodologia que responda às demandas da problemática, se construa no processo da investigação e oriente sua realização, é preciso ter consciência do lugar de pesquisa, pensando seu processo e aliando cada passo a uma reflexão sobre o fazer científico proposto<sup>8</sup>. Há, assim, uma necessidade de reflexão sobre cada uma das escolhas metodológicas, além de vigilância para não tomá-las rigidamente e para propor rupturas, construindo-as em virtude das necessidades da pesquisa.

Considerando que os fatos e as realidades são construídos e que cada objeto requer determinadas construções metodológicas, percebo que é preciso pensar implicações, potencialidades e limitações presentes nos contextos que cercam meu objeto<sup>9</sup>, vislumbrando as possibilidades de um diálogo intercultural desde a comunidade pesquisada a partir das relações entre os sujeitos que a integram, de suas culturas e dos atravessamentos nas relações que se abrem com outras culturas, entendendo que as sessões comentadas são compostas por perfis heterogêneos que se vinculam nessa assistência.

Partindo da concepção de metodologia como um processo de descoberta que parte de um problema e leva em conta teoria e empiria e que se forma também pela observação, caracterizada por um ir e vir constante ao campo, me proponho, no que se segue a expor e a refletir sobre como construí o percurso da pesquisa e os procedimentos realizados para o seu desenvolvimento.

### **Pesquisas teórica, de contextualização e da pesquisa**

A *pesquisa teórica* vem sendo empreendida na investigação desde o seu início, na tentativa de pensar lógicas para a compreensão do fenômeno investigado. Tal movimento

---

<sup>8</sup> Para desenvolver tais ideias dialogo com autores como Bonin (2011), Bachelard (1977) e Maldonado (2011).

<sup>9</sup> Minha pesquisa de Mestrado, como expresso no início do capítulo, procura investigar e compreender os sentidos, usos e apropriações construídos por sujeitos comunicantes das sessões comentadas realizadas na *Ocupação Pandorga* na perspectiva da cidadania comunicativa cinematográfica.

vem sendo realizado pensando os conceitos *mediatização*; *recepção de cinema* em articulação com os conceitos de *mediações*, *apropriações midiáticas*, *cinéfilia*, *cinema e espectadorialidade*; *identidades culturais*; e *cidadania comunicativa* pensada no vínculo ao âmbito da recepção cinematográfica. Tenho consciência de que, mesmo pretendendo um olhar desligado de minhas pré-noções, isto seria impossível e que meus julgamentos no embate com os textos têm de ser desconstruídos constantemente para ressignificar certas noções, mas creio que estes conflitos são parte do fazer pesquisa.

Outro procedimento metodológico configurador desta investigação foram as pesquisas para a construção da *contextualização*. Realiza-se na contextualização um movimento de mapeamento dos aspectos das realidades que vigoravam à determinada época em relação com a atualidade comunicacional da investigação e que são relevantes para compreender a problemática que implica no recorte do real investigado. Este mapeamento inclui obras acadêmico-científicas e literárias que retratem as problemáticas e entornos em concomitância com a reflexão constante sobre tais processos, realizando incessantemente o pensar sobre a atividade científica proposta. (BACHELARD, 1977).

A imersão no objeto investigado a partir da contextualização amplia a percepção sobre ele, possibilitando novos olhares e perspectivas que o concretizam em termos de seus vínculos com a realidade onde se insere seu movimento, redescobrimo o objeto ao encará-lo historicamente. Para construir a contextualização, busquei reconstituir elementos históricos do cinema para entender o cenário que possibilita a emergência de novos espaços culturais e a realização de sessões de cinema comentadas nesses espaços que não são institucionalizados (como é o caso de ocupações culturais tais como a *Ocupação Pandorga*<sup>10</sup>), mas também nos que figuram entre os espaços convencionais com uma proposta de cinematografia alternativa reflexiva (como os outros dois espaços focalizados na etapa exploratória de observação da pesquisa que estou desenvolvendo, a *Sala P. F. Gastal*<sup>11</sup> e a *Sala Redenção – Cinema Universitário*<sup>12</sup>). Para tanto, considero<sup>13</sup> aspectos relativos ao surgimento e disseminação do cinema, ao mercado cinematográfico, aos primeiros cinemas do Brasil e de Porto Alegre – ao aparecimento dele em Porto Alegre, ao seu alcance na capital –, aos cinemas de calçada e de *shopping*, à cinéfilia estabelecida nos grandes centros no ápice do cinema, à transformação do mercado e ao surgimento de

<sup>10</sup> Ocupação cultural que oferece cerca de cem atividades mensais, visando uma educação transformadora e que se concretizou como o objeto empírico de referência de meu Mestrado (foco da investigação).

<sup>11</sup> Sala de cinema que retoma o movimento cineclubista a partir de sua oferta fílmica alternativa.

<sup>12</sup> Cinema que se propõe como um espaço formativo através de filmes recentes e resgate de “clássicos”.

<sup>13</sup> Concretamente, o movimento de contextualização realizado incluiu os levantamentos e estudo de textos que tratassem e fizessem perceber tais questões.

iniciativas como ocupações e cineclubes. O itinerário de contextualização realizado na pesquisa que desenvolvo permite perceber a necessidade do movimento para enxergar mais claramente que as sessões comentadas não estão circunscritas ao presente, mas são iniciativas que se constituem no âmbito de uma trajetória cinematográfica configuradora.

A *pesquisa metodológica* é aqui entendida, em diálogo com Bonin (2008, p. 137), como a “instituição de processos de reflexão, desconstrução e apropriação de propostas metodológicas para extrair elementos que possibilitem arquitetar arranjos que respondam aos requerimentos das problemáticas com as quais estamos trabalhando” e está presente ao longo de toda a investigação. Primeiro ela me amparou na formulação do entendimento do método não como algo rígido, mas dinâmico. A ideia utilizada no desenvolvimento do processo metodológico da pesquisa foi de construí-lo para o objeto investigado, unindo diversos métodos para formular uma metodologia criada para responder às necessidades do fenômeno investigado. (BONIN, 2011; MALDONADO, 2011).

Deste modo, a metodologia precisa ser trabalhada atravessando todo o processo de pesquisa, “[...] como *práxis*, percurso teoricamente informado e corporificado em fazeres, em operações, em procedimentos que configuram os objetos de conhecimento, que se inscrevem como lógicas atuantes na construção desses objetos”. (BONIN, 2014, p. 41). Então, ao longo do trabalho, métodos como observação de campo e entrevista vem sendo redescobertos e repensados para a investigação. Também como parte da pesquisa metodológica e auxiliando na construção da pesquisa estão os ensinamentos de Bachelard (1977), Mills (1975) e Becker (1993) ao levar à reflexão sobre o método. O estudo, o diálogo e a apropriação desses autores me fizeram refletir sobre a *práxis* na construção da pesquisa, além de inaugurarem uma reflexão sobre os fazeres e escolhas na formulação de uma metodologia própria.

A *pesquisa da pesquisa* é um “revisitar reflexivo de investigações” (BONIN, 2014, p. 45), na qual procurei descobrir pesquisas concretas e consolidadas para pensar elementos constitutivos para a elaboração desta investigação, em todos os aspectos configuradores delas. O procedimento de pesquisa da pesquisa, em movimentos circunscritos às possibilidades e temporalidades da mesma, teve lugar na construção da investigação em diferentes aspectos<sup>14</sup>. Primeiro para pensar o problema, pensando sua viabilidade e contribuição para o campo comunicacional e para a sociedade. Depois para pensar os processos de construção da pesquisa a partir do que já foi produzido concretamente. Nesse

---

<sup>14</sup> Para entender abrangência e limitações desse movimento, dialogo com as ideias de Bonin (2011), Maldonado (2002) e Silva (2012).

sentido, as buscas que realizei em bancos de dados me sinalizaram que a produção científica na área de recepção de cinema era escassa e não trabalhava com a relação público-cinema-cidadania, além de não contemplar as sessões comentadas<sup>15</sup>.

O processo é importante para o desenvolvimento de qualquer investigação compromissada em termos socioculturais, científicos e com o campo comunicacional, a partir das insuficiências identificadas e possíveis ampliações de pensamento visto que a pesquisa da pesquisa leva a uma identificação do estado dos conhecimentos produzidos sobre a temática investigada<sup>16</sup>, além de se valer desse movimento também para apoio à pesquisa teórica e metodológica<sup>17</sup>, abrindo uma reflexão inquieta a partir do estudo das pesquisas já realizadas sobre temas afins aos da investigação em questão.

Ao realizar esse processo, percebi que também se aprende a investigar estudando outras pesquisas, como inspiração para expandir limites e me autoformar em pesquisa, para então realizá-la concretamente. No caso desta pesquisa, as palavras-chave não serviram apenas para o panorama geral (que é importante para entender atravessamentos em grande escala e representatividade do olhar sobre tais temáticas), mas procurei entrar no tecido de parte das pesquisas encontradas para pensar meu fazer em termos de modos, perspectivas, possibilidades e, também, servirem como aparato teórico na investigação. Concretamente, esta seleção foi realizada a partir da leitura do resumo de todos os trabalhos encontrados nas buscas e, a partir destas apresentações iniciais, entrei nas pesquisas que mais se aproximavam à investigação que venho desenvolvendo tanto em termos de temática, quanto de similaridade de desenvolvimento. Deste modo, a pesquisa da pesquisa serviu diretamente para construir e problematizar as etapas de pesquisa exploratória e de contextualização, inspirando realizações de procedimentos e reflexões nestes âmbitos.

Vale destacar, ainda, que outras pesquisas podem servir como guia, auxiliando na formulação da investigação, mas “ninguém poderá jamais estudar exatamente o mesmo grupo que uma outra pessoa estudou pois, no mínimo, ele terá mudado no espaço de tempo entre os dois estudos, e quaisquer diferenças podem ser atribuídas a isso” (BECKER, 1993,

---

<sup>15</sup> Nesta etapa realizei pesquisas nos seguintes bancos de dados virtuais: Banco de Teses e dissertações da Capes, Biblioteca dos encontros anuais da Compós, Portcom, Univerciência, Scielo, Rebeca e Matrizes. As palavras-chave pesquisadas foram: apropriações; cidadania; cidadania cinematográfica; cidadania comunicativa; cidadania comunicativa cinematográfica; cinema; cine debate; circuito alternativo de cinemas cinema; midiatização; midiatização cinematográfica; recepção; recepção cinematográfica; recepção de cinema; sessão comentada; sessões comentadas. Nenhuma das plataformas possuía estudos a partir das palavras cidadania cinematográfica e circuito alternativo de cinemas. Nenhum dos arquivos encontrados sobre cidadania comunicativa a ligavam com a cinematografia de alguma forma.

<sup>16</sup> O estado da arte é um levantamento que gera subsídios e permite criar um panorama das produções relacionadas à pesquisa que se vem desenvolvendo, mas não é a pesquisa da pesquisa em si, essa entra no tecido das pesquisas, e a partir disso repensa os caminhos e possibilita projeções futuras.

<sup>17</sup> A pesquisa da pesquisa, a pesquisa teórica e a metodológica são artes da construção metodológica. São momentos diferentes da investigação, mas não atuam separadamente, sendo parte do processo metodológico.

p. 40). Assim, sendo que tudo está em movimento e em constante reconfiguração, a investigação deve se adequar a renovações e mudanças no mundo da vida.

### **A pesquisa exploratória**

A etapa exploratória, que é aqui entendida como movimento de aproximação ao fenômeno empírico, como forma de visualizar seus contornos, especificidades e regularidades com vistas a concretizar a investigação em seus vários elementos (BONIN, 2011), foi realizada a partir de dois movimentos: observação das sessões e entrevistas com participantes. A observação incluiu os espaços digitais e os espaços físicos nos quais se materializam as propostas das sessões para tentar entender como se dão as relações comunicacionais nestes cenários. As entrevistas foram pensadas como procedimento de coleta que deve promover o diálogo entre pesquisador e entrevistado, para que seja possível que se realize uma troca e o entrevistado seja valorizado como parte da pesquisa com voz ativa. (MEDINA, 2001; THOMPSON, 1992; BAUER; GASKELL, 2002). Nessa etapa entrevistei os realizadores das sessões comentadas dos três espaços observados e uma pequena amostra de público, que pretendo ampliar na fase sistemática da pesquisa. Em suma, na pesquisa exploratória observei as sessões, o espaço, realizei entrevistas com os agentes envolvidos, mapeei sessões e pensei o público; e na pesquisa sistemática pretendo continuar a observar sessões e espaços, além de propor algumas sessões com vistas a despertar debate sobre determinadas temáticas e perceber as especificidades deste tipo de intervenção.

Definindo essa pesquisa como uma abordagem qualitativa, que não tenta abarcar um universo, mas recorta cenários comunicacionalmente relevantes, a investigação exploratória aqui se inseriu como uma prática metodológica que visava coletar dados que me ajudassem a perceber as singularidades e distinções dos espaços e colocá-los em diálogo com o saber teórico para alimentar o amadurecimento das dimensões da problemática. As constatações e pistas advindas dessa exploração serviram, também, para definir a projeção para a continuidade da pesquisa e passar a percebê-la também como uma pesquisa participativa com ações de intervenção.

Para pensar o circuito de exibição de cinematografia alternativa de Porto Alegre e mapear os espaços que propunham sessões comentadas dentro dele, utilizei meu conhecimento anterior como elemento constitutivo da fase exploratória. Os primeiros elementos exploratórios com os quais contei nesta investigação advieram, então, das minhas

vivências enquanto espectadora dessa cena, vivências essas que se iniciaram há cerca de sete anos, quando por volta de 2007 descobri o circuito alternativo de cinemas de Porto Alegre<sup>18</sup> e comecei a frequentá-lo ao menos uma vez por semana. Meu olhar exploratório se reposicionou quando comecei a ampliar minha percepção sobre a exibição de filmes alternativos também em espaços culturais que não eram inicialmente cinemas, mas propunham sessões comentadas<sup>19</sup>. Os espaços foram sendo definidos tanto por eu já frequentá-los, como em buscas *online* e através de informantes-chave como críticos de cinema e ativistas culturais.

No momento em que passei a frequentar os espaços em incursões exploratórias para a investigação, busquei constituir um olhar de pesquisadora, sensibilizando esse olhar para a condição de investigação, inaugurando uma postura de vigilância epistemológica (BACHELARD, 1977) que ultrapasse meu conhecimento e relações anteriores. A ruptura e a constituição desse olhar de pesquisadora envolveram esforço para desnaturalizar o olhar, observar atenta e curiosamente certos aspectos que a problemática em construção demandava, refletindo constantemente sobre seu significado. Este movimento não anula as percepções anteriores dos espaços, mas inaugura um outro lugar de onde os vejo, procurando pensá-los nos diversos âmbitos que os compõem.

Antes do processo de coleta de dados nessa etapa de pesquisa, é preciso, como lembra Bonin (2011), planejamento. Em uma investigação científica, qualquer movimento realizado precisa ser pensado, antecedido pelo seu planejamento para que as perguntas elencadas no problema em construção possam ser respondidas ou mesmo ampliadas e reconstruídas, como no caso da pesquisa que estou realizando, tendo também como ponto de partida alguns pressupostos teóricos iniciais sobre a recepção de cinema. O planejamento desenvolvido para a investigação da pesquisa de Mestrado envolveu pensar em estratégias de observação de campo e em movimentos para perceber aspectos do público para, assim, formar uma amostra a ser entrevistada para a etapa exploratória e poder planejar a etapa sistemática e as entradas mais profundas a campo que virão com a evolução da pesquisa.

---

<sup>18</sup> Composto pelos seguintes cinemas convencionais/institucionalizados (apresentam uma oferta fílmica alternativa em relação aos cinemas e filmes comerciais, sendo de nacionalidades múltiplas e linguagens diferenciadas): *CineBancários*, *Cinemateca Capitólio*, *Cinemateca Paulo Amorim*, *GNC Moinhos*, *Guion Center Cinemas*, *Itaú Cinemas*, *Sala P. F. Gastal*, *Sala Redenção – Cinema Universitário* e *Santander Cultural*.

<sup>19</sup> Dentre as tantas atividades mapeadas, destaco aqui 8 delas, por terem características diferenciadas e ofertarem cine debates com maior assiduidade, a saber: *Aldeia*; *Conceito Arte*; *Ocupação Pandorga*; *Ponto de Cultura Espaço Escola Africanamente*; *Vila Flores*; *Violeta – Casa de Cultura Popular*; grupo de pesquisa *Estudos em Gênero, Sexualidade e Saúde* (EGSS) com ação na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA); e grupo de pesquisa *Liga dos Direitos Humanos* da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com ação na Sala Redenção.

## A pesquisa exploratória das sessões e com os sujeitos

Ao realizar os movimentos de aproximação aos espaços das sessões fiz uso de abordagens diferenciadas. Após o mapeamento que me permitiu elencar os espaços culturais que se propunham a ofertar sessões comentadas no circuito alternativo, optei por trabalhar com os três espaços que realizavam esse tipo de sessão com maior frequência, sendo eles duas salas de cinema institucionalizadas e uma ocupação, a saber: *Sala P. F. Gastal*, *Sala Redenção* e *Ocupação Pandorga*.

Nessa aproximação ao campo, contatei os realizadores dos espaços para entender como se dava a escolha da programação e a oferta de sessões comentadas. Depois, entrevistei um espectador de cada espaço. A coleta de dados foi realizada de modo que os entrevistados se sentissem à vontade, respeitando seus tempos e disponibilidade.

Nesta etapa realizei, também, observações das sessões relativas ao uso dos espaços por parte dos sujeitos e ofertas, no intuito de recolher elementos para nortear a compreensão de como se dão as apropriações proporcionadas pelas sessões comentadas e pensar a possibilidade de constituição de uma cidadania comunicativa cinematográfica nesse processo. Foram realizadas observações de 10 sessões durante 2016 nos cenários selecionados, abarcando sessões comentadas mapeadas e um coquetel. Tais observações foram relatadas no diário de campo, que serviu de registro para repensar os movimentos e foi recuperado no momento da construção do texto de qualificação<sup>20</sup>, além de constituir um detalhamento dos processos e das constatações realizadas a partir deste movimento.

O primeiro filtro para a realização das abordagens exploratórias com o público, além das observações, foi estabelecido a partir da solicitação de preenchimento de um questionário exploratório pelos participantes; antes disso, depois de combinar com os realizadores, eu me dirigia ao público e explicava o objetivo da pesquisa para, só então, passar o questionário exploratório. Isto foi realizado em todos os espaços. Entretanto, nessa abordagem, poucos se dispuseram a participar, possivelmente em virtude das características dos espaços: na *Sala Redenção*, as pessoas saíam logo no fim da sessão, não permanecendo no espaço para responder ao questionário; na *Gastal* confirmei a percepção que eu já tinha de que ficam até o fim da sessão sempre os mesmos sujeitos (cinéfilos e críticos de cinema que se conhecem e têm profundo entendimento sobre as produções), visto que o espaço tem um público cativo e fiel; e na *Pandorga* houve certa relutância de alguns sujeitos e mesmo os que responderam ao questionário e demonstraram interesse em participar, no momento

---

<sup>20</sup> Realizada em julho de 2016.

em que solicitei uma entrevista em profundidade, a maioria relutou e por fim não se dispôs a conversar comigo, por motivos diversos.

Por isso, precisei optar por outras estratégias para me acercar dos sujeitos, pensando cada espaço. Na *Sala Redenção* optei por observar uma sessão comentada em outra faixa horária, diferente das que eu havia frequentado até o momento. Nesse sentido, para a construção da pesquisa, foi interessante comparecer e observar o espaço e as interações em outros horários, o que me possibilitou contatar uma entrevistada deste espaço, em diálogo no final de um dos debates. Na *Gastal* contatei uma representante do público com a qual já nutria contato anterior à pesquisa, visto que todos os presentes até o final das sessões já eram meus amigos/conhecidos, ao menos nas sessões observadas. Já na *Ocupação Pandorga* optei por abordar um espectador que tinha contato diferenciado com o espaço por não ser colaborador, visto que a maioria dos sujeitos que participava das sessões comentadas de cinema eram pessoas que propunham outras atividades na ocupação. Foram passos diferenciados em cada espaço, de acordo com suas particularidades e aproveitando as aberturas que o próprio campo proporcionava na minha movimentação.

Mas antes destas ações concretas, a construção dos procedimentos de coleta de dados incluiu a formulação de um roteiro para orientação da observação das sessões, de um questionário exploratório e de dois roteiros de entrevista a serem feitas com os espectadores e com os realizadores, que serão descritos nos próximos parágrafos.

As observações das sessões foram guiadas por um *roteiro de observação*, que incluía cinco eixos centrais, a saber: composição do cenário de recepção e perfil sujeitos; distribuição dos sujeitos no cenário; interações verbais e não verbais (sentidos sobre hierarquias, relações de poder, estratégias etc.) – lógicas envolvidas considerando que o espaço tem poderes; comportamento dos receptores; e comportamento dos realizadores. Em cada bloco elencado como eixo essencial para a observação, eu buscava perceber especificidades dos locais de assistência e particularidades nestas sessões comentadas que falassem de seus públicos e das possibilidades de apropriação inauguradas pelas ofertas ali analisadas.

O *questionário para caracterização do público* foi formulado para tentar visualizar características básicas do público de interesse para a pesquisa. Para tanto, incluía os seguintes elementos: frequência mensal dos sujeitos em cinemas; espaços cinematográficos que frequentam; frequência em sessões com debate; locais de participação em tais sessões;

histórico de assiduidade; motivo de ir a sessões com debate; e espaços/plataformas em que costumam assistir filmes.

O *roteiro da entrevista com os espectadores* visava captar aspectos da trajetória de vida comunicacional midiática dos sujeitos, suas relações com o cinema, com espaços alternativos e com as sessões comentadas. Para tanto, foi composto pelos seguintes blocos de questões: relações com os espaços cinematográficos e especificamente com sessões comentadas (olhando os espaços de consumo de cinema e características de assistência); competências cinematográficas e/ou de outro tipo no vínculo com cinematografia alternativa; entendimentos de cinefilia; significado da relação com o espaço de assistência (*Ocupação Pandorga, Sala P. F. Gastal e Sala Redenção*); outros espaços de consumo fílmico e assistência a domicílio; referenciais/competências cinematográficas; consumo midiático – tipos de conteúdo e frequência; cultura do cotidiano (trabalho, lazer, consumo cultural, estudo, vínculos); e perfil socioeconômico.

Já o *roteiro de entrevistas com os realizadores* foi composto pelos seguintes blocos de questões: compreensão das sessões promovidas (propostas, objetivos, seleção dos filmes e público); funcionamento dos espaços (surgimento, colaboradores, demais usos para além das sessões comentadas); relação pessoal dos realizadores com o cinema (gosto, frequência de assistência fílmica, plataformas utilizadas, cinematografia preferencial, percepções sobre oferta de outros espaços, incluindo outras sessões comentadas).

Nas noções de roteiro e de compreensão de seus usos, me amparei nos ensinamentos de Thompson (1992) e de Bauer e Gaskell (2002), para fazer essas entrevistas iniciais fluírem, visto que estes autores trabalham as noções de roteiro de entrevista como um guia para que o pesquisador não esqueça nenhum tópico, mas discutem a necessidade de orientar a entrevista numa relação que deixa os entrevistados abertos para desenvolverem suas falas e para o pesquisador também explorar aspectos que no momento da entrevista se mostrem importantes para sua pesquisa. Para pensar os sentidos de realizar entrevistas e os modos de garantir que o diálogo acontecesse, buscando valorizar os entrevistados e mantê-los à vontade, me apropriei das ideias de Medina (2001), que entende a entrevista como uma técnica que leva a um diálogo entre pesquisador e pesquisado; de Thompson (1992) que trabalha formas de interação para estabelecer o diálogo, e de Bauer e Gaskell (2002), que veem a situação da entrevista como um momento de cooperação, uma troca.

Assim, as entrevistas foram guiadas por roteiros desenvolvidos em torno de blocos, com questões definidas, mas cuja aplicação era flexível. Foram desenvolvidas a partir de

roteiros norteadores com os pontos relevantes a serem tratados nas conversas, mas aplicados de modo flexível, sem rigor na ordem das questões e podendo se adaptar às demandas do momento, o que garante ao entrevistado espaço de fala, e busca estabelecer um diálogo entre pesquisador e pesquisado.

Os registros de coleta de dados foram realizados de dois modos: através da utilização do diário de campo, onde registrei todos os passos realizados na trajetória de pesquisa, possibilitando rever as escolhas feitas ao longo da caminhada, repensá-las e, quando necessário, voltar a empreender movimentos em âmbitos menos explorados; e a partir da utilização do gravador nas entrevistas, o que deu um caráter mais oficial ao momento de sua realização, levando o entrevistado a um estágio de concentração que focalizasse sua atenção no roteiro guia e que também servisse como um registro do conteúdo das conversas e das falas dos sujeitos, possibilitando retomadas e revisões dos momentos relevantes. Na sistematização dos dados, realizei a decupagem dos áudios, para facilitar a visualização dos trechos das entrevistas que diziam respeito diretamente ao que foi questionado aos sujeitos e, assim, também, selecionar trechos para constarem na descrição dos dados das entrevistas.

O uso dos registros de observação de campo foi relevante para tecer anotações sobre os passos realizados e sobre minhas observações das sessões. O diário de campo me possibilitou guardar detalhes, auxiliando no momento de repensar o que vivenciei nos ambientes, como percebi os colaboradores, o que apreendi das relações que se estabelecem e quanto os ambientes falam ao espectador. Os registros e anotações efetuados em blocos de notas e no diário de campo da pesquisa foram pensados e valorados a partir das ideias de Mills (1975) e Winkin (1998), que apresentam estes espaços como lugares também de fabricação da pesquisa, nos quais é possível repensar os detalhes da caminhada, ampliar a visão sobre o caminho traçado, reconstruí-lo na retomada de alguns movimentos para uma ampliação no desenvolvimento das etapas. Os registros também servem como espaços para reflexão sobre o que se está desenvolvendo, na linha proposta por Bachelard (1977) sobre a vigilância epistemológica.

Para realizar uma observação distante o suficiente para não contaminar o olhar com pressupostos e próxima para enxergar o que o real investigado apresenta, é necessário saber ouvir, ver e escrever, o que se deriva de um processo de aprendizado constante, como alerta Winkin (1998), principalmente no que diz respeito a uma observação participante e, posteriormente, a uma pesquisa que propõe também ações de caráter interventivo. Saber ver

para ter atenção ao que o ambiente expressa em relação a dimensões que interessam à problemática. Saber ouvir para entender o que é dito nas sessões, nas conversas dos sujeitos entre si e com o pesquisador no processo da pesquisa. E saber escrever para conseguir traduzir as observações, organizar logicamente os dados e confrontá-los com as perspectivas teóricas que orientam a investigação, para poder interpretá-los.

### **Considerações finais**

Procurei destacar neste artigo que no percurso da pesquisa realizado até o momento, e que penso ser necessário em qualquer investigação, procurei construir certa autonomia metodológica enquanto pesquisadora em um processo constante de aprendizado, no qual busquei realizar o exercício também constante de desestruturação e reconfiguração do meu olhar, despertando novas angulações para ver o objeto de diferentes perspectivas e pensar estratégias de pesquisa para as situações concretas do meu objeto. Construí as movimentações no campo a partir de um planejamento anterior, pensando o objetivo de cada ação, mas mantendo a programação aberta de modo a encarar o processo de modo flexível. (BONIN, 2014).

Isto requer certa delicadeza de pensar e problematizar, de entender a consciência de mundo dos lugares e das experiências dos sujeitos em virtude da investigação desenvolvida. No caso da *Pandorga*<sup>21</sup>, é preciso pensar o cinema com um viés para potencializar e se conectar às experiências de ação cidadã que o coletivo já vem tentando e desenvolvendo na ocupação. No momento em que circunscrevo a pesquisa na *Pandorga* penso, ainda, em sujeitos vinculados a formas de ativismo, que de alguma maneira expressa um cenário de novos movimentos sociais e de militância – penso a especificidade do cenário investigado para o objeto de pesquisa e o que se pergunta em termos de sessões comentadas na recepção de cinema, cuidado que deve ser tomado em todas as investigações na construção dos métodos para o que se pergunta e se percebe no campo.

### **REFERÊNCIAS**

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

---

<sup>21</sup> Este espaço se consolidou como o foco da investigação para a etapa sistemático-analítica da investigação (que será desenvolvida no segundo semestre de 2016) em virtude de um potencial diferenciado de uso do cinema para promoção de debates voltados à reflexão de dimensões da realidade e das ações do coletivo.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Huctec, 1993. p. 9-46.

BONIN, Jiani Adriana. A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.

\_\_\_\_\_. Problemáticas metodológicas relativas à pesquisa de recepção/produção midiática. In: MALDONADO, Alberto Efendy. (Org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil: processos receptivos, cidadania, dimensão digital**. 1. ed. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014, v. 1, p. 41-54.

\_\_\_\_\_. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologia de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisa em Comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: \_\_\_\_\_ et al.. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.

\_\_\_\_\_. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n.9, p.1-15, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/efendy2.html>>. Acesso em: 26 set. 2011.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papiurus, 1998.